

FOTOGRAFIA

CAPÍTULO 4 - UMA FORMA DE LER IMAGENS

José Roberto Gonçalves

Introdução

É possível ler uma imagem? A pergunta não é nova, sendo objeto de acalorados debates ao longo de seus quase dois séculos de existência. Quando de sua descoberta, a fotografia era entendida como o “lápiz da natureza”, como a reprodução fiel do mundo que estava a sua frente. A fotografia, nesse período era considerada como prova do real, por sua natureza físico-química, onde a imagem era obtida a partir da ação direta da luz solar sobre uma placa sensível.

Com o tempo, percebeu-se que a fotografia era muito mais do que a reprodução mecânica do real, que ao posicionar a câmera o fotógrafo determinava o que seria visto e como seria interpretado. As ciências sociais e a linguística debruçaram-se sobre o ato fotográfico e lançaram uma nova compreensão sobre a mensagem fotográfica, agora entendida como discurso. Possuidora de uma linguagem própria que poderia ser estudada de forma a construir informações mais eficientes. Cada componente da imagem foi isolado e estudado em sua forma mais básica, testando-se múltiplas combinações e a eficiência dos resultados no processo de transmissão de ideias. Sendo assim, a resposta para a nossa primeira pergunta é sim. Podemos ler uma imagem uma vez que ela é o resultado de um processo intencional orientado por uma ideologia que se pauta em códigos estruturados e compartilhados socialmente.

Então o que é a fotografia? A fotografia pode ser entendida como o resultado de um longo processo de interação social, que nos indica o que podemos ou não fotografar, como fotografar, e onde fotografar. São regras estabelecidas antes mesmo de nascermos, que orientam nossas escolhas, formas de pensar e interagir com uma imagem. Proponho um exercício de imaginação, pense em alguma coisa, qualquer coisa, e tente descrevê-la sem utilizar uma palavra. Ficou complicado? Com a fotografia é a mesma coisa. Tente produzir uma imagem sem utilizar uma das formas básicas (ponto, linha, forma, cor, contraste, textura, movimento), conseguiu? Eu, não! Como até o momento não fui capaz de ter em mãos, uma fotografia que não contenha de um destes elementos, em sua composição, seguirei com o conceito de que a fotografia é um discurso composto socialmente e que segue regras de composição previamente estabelecidas.

Nos tópicos a seguir, iremos nos debruçar sobre os elementos constitutivos da linguagem fotográfica abordando suas propriedades enquanto sistema linguístico, sua linguagem artística e emocional, além das questões legais e da gestão do tempo do fotógrafo. Acompanhe o conteúdo com atenção!

4.1 Propriedades da imagem

Todos os seres/objetos existentes possuem uma qualidade que os identificam, que os distingue dos demais. Esses tributos especiais, conferem características únicas que permitem identificar e agrupar esses seres de acordo com suas propriedades. Por exemplo, a propriedade de um quadrado é ter quatro lados iguais e quatro ângulos retos (90°); do triângulo é ter três lados e três ângulos, que não precisam ser iguais. Com a fotografia não é diferente, as imagens possuem propriedades que as compõem e, como os triângulos, podem variar sem que deixem de ser uma imagem.

Podemos estudar as propriedades da imagem por diferentes linhas de análise, uma delas é a Gestalt, que estuda os efeitos das formas básicas da imagem no processo de comunicação. A Gestalt define a forma ponto como “[...] a unidade mais simples e irredutivelmente mínima de comunicação visual” (GOMES FILHO, 2000, p. 42). A partir da forma ponto as demais formas são construídas, levando-se em consideração, a aproximação entre os pontos.

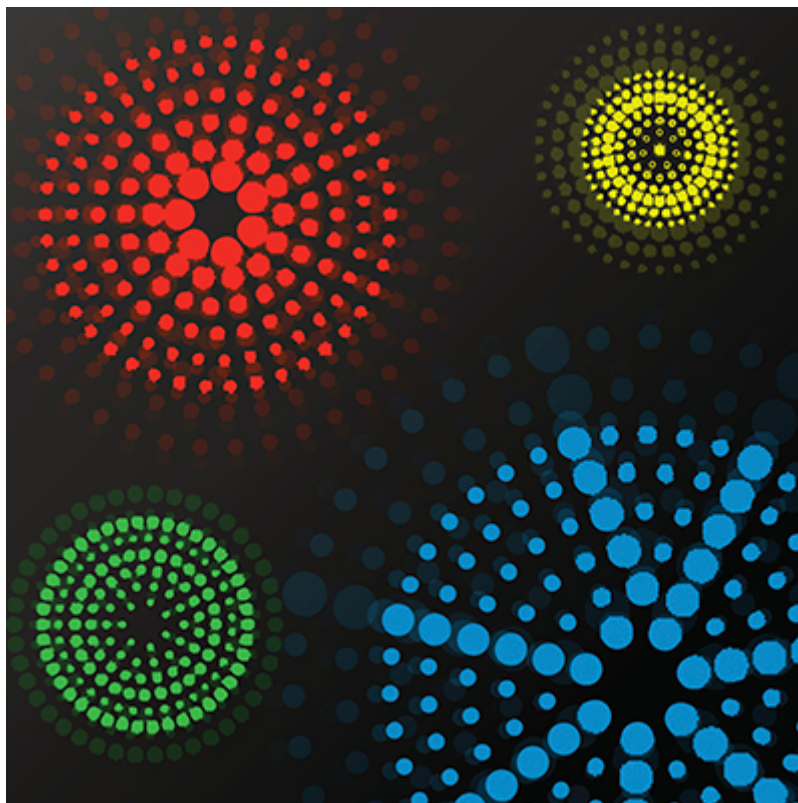


Figura 1 - Forma ponto
Fonte: Vadystock, iStock, 2020.

Quando a proximidade entre os pontos é tão grande que nos impede de distingui-los, como unidade, temos a forma linha. Na imagem anterior, a forma ponto está disposta de tal maneira que podemos identificar círculos, estrelas dentro de círculos e círculos dentro de círculos. “Na linguagem visual, os opostos se repelem, mas os semelhantes se atraem. Assim, o olho completa as conexões que faltam, mas relaciona automaticamente, e com maior força, as unidades semelhantes” (DONDIS, 2015, p. 70) . É essa propriedade nos permite “ver” os diferentes círculos e estrelas, além de termos a sensação de movimento devido a variação do tamanho dos pontos.

VOCÊ QUER LER?



O livro “Sintaxe da linguagem visual”, de Dondis (2015), foi publicado no Brasil em 1997 e tem influenciado gerações de artistas gráficos. O livro aborda, de maneira simples, os conceitos de linguagem visual, as técnicas visuais aplicadas às estratégias de comunicação, discorrendo sobre a anatomia da mensagem visual e seus componentes.

O contraste e a escala são dados sempre entre um elemento em relação ao outro. Desse modo, “[...] um elemento é grande ou pequeno, claro ou escuro, pesado ou leve, frio ou quente, etc. sempre comparativamente a outro elemento próximo ao campo visual ou nas partes que configuram o objeto” (GOMES FILHO, 2000, p. 72). O contraste de cor e textura, quente/frio, grande/pequeno favorecem a delimitação e isolamento entre os componentes, bem como a hierarquização dos mesmos.

A regularidade na distribuição dos componentes cria linhas imaginárias, que provocam a sensação de sentido e perspectiva. Observe na primeira figura como os pontos dispostos em intervalos regulares, e em sequência, permitiram a formação de figuras distintas que não existem no campo físico.

Os diferentes arranjos também provocam sugestões de volume e espacialidade, caracterizando os efeitos tridimensionais (3D), além de sugerir visualmente diferentes texturas e outras sugestões de: (1) dinamismo ou movimento; (2) equilíbrio ou desequilíbrio visual; (3) proporcionalidade ou desproporção, e (4) unidade ou diversidade visual, entre outras possibilidades. (SENA; SOUZA, 2016, p. 43)

Compreender a dinâmica dos elementos básicos da imagem nos permite conceber novos arranjos discursivos capazes de gerar sentidos e provocar reações nas pessoas. Procure observar os espaços a sua volta, com o olhar preparado para identificar as formas básicas do design da informação visual e você perceberá que é possível construir mensagens criativas e significativas a partir da organização dos elementos da cena.

VAMOS PRATICAR?



Selecione um conjunto de elementos alguns iguais e um diferente. Disponha os elementos iguais de forma a criar uma sequência e fotografe. Depois acrescente o componente diferente e fotografe. Observe as imagens e reflita sobre as possibilidades de construção da mensagem fotográfica a partir dos conceitos de regularidade, distribuição e contraste. Ao final compartilhe suas conclusões.

4.2 Leitura da imagem

Você sabe ler uma imagem? A resposta parece ser simples e direta, sim! Sei ler uma imagem, uma vez que ver precede as palavras. Segundo Berger (1999, p. 9), a “[...] criança olha e reconhece, antes mesmo de poder falar”. Contudo, o autor já desfaz essa percepção quando nos alerta que “[...] a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos” (BERGER, 1999, p. 9). Porém, o que consistiria no ato de ler uma imagem? O ato de ler imagens pode ser compreendido como uma atividade simbólica compartilhada e não isolada.

Dessa forma, “[...] ler uma imagem seria então, compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la e recompô-la para apreendê-la como um objeto a conhecer” (PILAR, 1993, p. 77), tendo como referência o que aprendemos em sociedade, ou seja, ler uma imagem não é um ato tão simples assim.

A leitura de uma imagem envolve, portanto, um conjunto de saberes adquiridos nas trocas sociais realizadas no dia a dia. A criança reconhece a figura de quem a alimenta e reage a sua presença, mesmo sem saber pronunciar a palavra que a representa/descreve. Com o tempo, ela aprende a relacionar essa figura a uma palavra, e essa palavra, a um conceito, que muitas vezes não representa a realidade de seu sentimento pela figura que ele evoca. Em outras palavras, nem sempre o conceito que está atrelado a palavra mãe/pai bate com o sentimento da criança ao ver a imagem de seus genitores. Contudo, o conceito fixado socialmente à palavra pai/mãe não se desfaz, continua ativo, influenciando nos processos de percepção do real.

VOCÊ O CONHECE?



Ansel Adams (1902-1984), é considerado um dos expoentes da fotografia ambiental e social. Iniciou seu percurso na fotografia aos 12 anos quando ganhou sua primeira câmera fotográfica e nunca mais parou de fotografar. Aos 18 anos já podia ser considerado um profissional da fotografia realizando exposições e comercializando seus trabalhos. A sua fotografia se caracteriza pela exploração do contraste das cenas, principalmente paisagens abertas. O seu domínio da técnica se faz sentir em todas as imagens com composições inspiradoras e pungentes. A produção fotográfica de Ansel Adams pode ser conferida em diversas galerias físicas e online. Seus livros, onde compartilha sua técnica são referência até hoje para fotógrafos amadores e profissionais (JÚNIOR; SILVA, 2017).

A leitura de uma imagem ocorre em um só golpe, percebemos a imagem e lhe atribuímos sentido de uma só vez. Entretanto, para efeito de estudo dividimos o processo de leitura de imagem em quatro etapas: percepção, identificação, decodificação e interpretação. Ao olharmos uma imagem percebemos as suas formas e o nosso olhar é atraído para os pontos de maior contraste da imagem. Objetos grandes e coloridos serão percebidos primeiro. Quando da inexistência deles, o nosso olhar será atraído pelo contraste entre a figura e o fundo. No processo de percepção, a cor, a textura, o volume, o contraste, o movimento e as formas, são elementos que primeiro atraem o nosso olhar para pontos específicos do quadro.

VOCÊ QUER VER?



O vídeo “Street Photography: Top Selection”, apresenta o trabalho de fotógrafos renomados mundialmente onde é possível perceber e aprender como estes profissionais empregaram os componentes da imagem para criar fotografias memoráveis. As texturas e o contraste são explorados tanto em imagens em preto e branco como coloridas. Veja o vídeo completo em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdVeN5A60s4>.

Há ainda outra hierarquia que orienta o nosso olhar no processo de percepção da imagem. Os componentes vivos — seres humanos e animais chamam a nossa atenção primeiro; seguido pelos componentes móveis — certos fenômenos e elementos naturais. Por último, os componentes estáticos — objetos de toda forma (LIMA, 1988). Por essa classificação, os componentes vivos atraem primeiro o olhar, seguido pelos componentes móveis e por último os componentes estáticos dando-nos um roteiro para a construção de uma mensagem eficiente.



Figura 2 - Hierarquia dos componentes
Fonte: PamelaJoeMcFarlane. iStock, 2020.

Na composição da imagem anterior, apesar de a figura humana corresponder a menos de 10% da imagem, nossa atenção está nela. O olhar percorre toda a cena, percebe a textura da pedra, o contraste das montanhas com o céu e retorna para a figura humana que se move, não para o futuro, mas para o passado. Quando dizemos que a pessoa está retornando, uma vez que seu movimento é da direita para a esquerda, estamos interpretando a cena, a partir dos elementos cognitivos preexistentes, completando o processo de leitura da imagem.

Veja que o fotógrafo empregou diversos elementos na construção da imagem — contraste, cor, movimento, textura e o ponto, além de aplicar a regra dos terços para a distribuição dos componentes da cena. O leitor por sua vez, percebeu os elementos da cena, identificou e decodificou cada um deles, interpretando a cena a partir do entrelaçamento de todos eles, apoiado na bagagem cultura que ele tem no momento.

VAMOS PRATICAR?



Separe diferentes objetos de cores, texturas, tamanhos e formas diferentes. Distribua os objetos no cenário explorando o contraste entre eles e fotografe. Por último, adicione uma miniatura/boneco (humano ou animal). Fotografe novamente e compare as duas imagens. Busque compreender como o seu olhar se movimentou pela cena, quais foram os objetos que primeiro foram notados e quais passaram despercebidos, antes e depois a inclusão do boneco. Anote as suas conclusões e compartilhe.

4.3 Linguagem artística

O conteúdo e a forma andam de mãos dadas na produção de sentidos nas obras artísticas. Em alguns momentos, o conteúdo pode eclipsar a forma em algumas manifestações de arte, porém, na comunicação visual o “[...] conteúdo nunca está dissociado da forma” (DONDIS, 2015, p. 132) , adaptando-se as circunstâncias, ao suporte e ao tema, mas sempre unidos no processo de construção da mensagem. O ser humano sempre buscou nas artes uma forma de se expressar, elegendo temas e formas de fixar seus sentimentos.

Na linguagem artística, o tema é caracterizado pela sua “[...] recorrência de motivos, de modo que eles são o produto de um conjunto de discursos sobre os mesmos tópicos culturais” (PIETROFORTE, 2004, p. 67) , que influenciam na forma de composição do discurso visual. Que descreve a relação entre o sujeito/objeto e a narrativa adotada para descrever os sentimentos. Agindo entre o legível e o invisível do discurso artístico. Na fotografia, a linguagem artística pode ser percebida pela composição e elementos a serem retratados, uma vez que a fotografia herdou da pintura muito de sua linguagem e campo de atuação.

Apesar de a produção de paisagens ter começado a se implementar já na primeira metade do século XIX, tinha contra si dois obstáculos de monta: o alto custo das pinturas e o caráter ainda incipiente da produção de estampas e gravuras, de modo que a fotografia encontrou aí um terreno praticamente vago. (VASQUEZ, 2002, p. 13)

A autora descreve a situação da fotografia no Brasil, mas em certa medida, podemos extrapolar essa observação para a fotografia no mundo, que em seu princípio, ocupou os territórios deixados em aberto pela pintura. A linguagem fotográfica importou e adaptou os grandes temas da pintura ao seu meio expressivo.

Não tenhamos a menor dúvida que a fotografia, ao ser influenciada pela pintura também a influenciou e de tal forma que lhe motivou profundas alterações. Vejamos: foi a fotografia que proporcionou o facto da pintura se libertar da necessidade de replicar a realidade. (TAVARES, 2009, p. 122)

A cada novo movimento da arte, a fotografia se retroalimenta, explorando os novos conceitos e possibilidades do emprego da luz para manifestar uma ideia, um sentimento. A linguagem artística na fotografia, se manifesta com maior força quando a mensagem deixa de ser apenas um recorte do real, uma representação “fiel” de um acontecimento e passa a exprimir sentimentos de alegria, tristeza, indignação, raiva etc.

A fotografia artística se vale da forma para se expressar, expandindo as possibilidades de construção da mensagem. Em muitos casos, a mensagem se torna mais sentimental que informacional, sem contudo, deixar de exercer seu papel de denúncia social. Como expoente desta linguagem temos Sebastião Salgado (1944); Henri Cartier Bresson (1908-2004), Annie Leibovitz (1949), Steve McCurry (1950), Ansel Adams (1902-1984), entre outros.

No campo das emoções a fotografia tenta nestes tempos, como aliás já o fez no passado, explorar e tratar a condição humana: desilusão, ansiedade, desespero, solidão, fobia, mas também a alegria, a festa, a esperança. O ser humano, na sua relação com o mundo atual, é o centro de atenção dos artistas mais recentes. (TAVARES, 2009, p. 125)

Além da temática, o que une todos estes grandes fotógrafos é o seu olhar crítico sobre a sociedade e o emprego metódico dos componentes da imagem para construir um discurso pungente sobre as relações sociais. De forma genérica, além da temática, esses profissionais da imagem exploram o contraste e as texturas em suas composições.



Figura 3 - Exploração do contraste
Fonte: Slkoceva, iStock, 2020.

A composição da fotografia privilegia a emoção, deixando para o leitor inúmeras possibilidades de interpretação e criação de sentidos a partir de sua bagagem cultural e estado de espírito. Utiliza-se do contraste entre o claro /escuro para criar tensão e destacar o semblante introspectivo da personagem. Não sendo possível sabermos, com certeza, qual o seu sentimento restando ao leitor “criar” a sua própria história a partir da imagem. Sendo esta, uma das principais características da linguagem artística: permitir que o leitor crie suas próprias histórias.

VAMOS PRATICAR?



Busque um cenário onde seja possível explorar o contraste entre claro e escuro. Selecione um objeto comum do seu cotidiano que tenha formas sinuosas. Posicione este objeto junto ao cenário que você escolheu. Com a ajuda de uma lanterna ou outra fonte de luz que possa ser direcionada, explore as possibilidades de iluminação. O objeto deverá estar iluminado apenas parcialmente. Ajuste a sua câmera para o modo preto & branco. Realize diversas fotografias, variando os planos e ângulos, explorando as texturas e o contraste. Deixe a sua criatividade fluir. Ao final, escolha uma imagem e compartilhe.

4.4 Linguagem emocional

A linguagem emocional anda de mãos dadas com a linguagem artística, uma vez que a arte tem a função de emocionar, de retirar o ser humano da realidade do cotidiano. Inspirando-o a transcender sua própria existência material, instigando-o a perceber a realidade física sob uma nova perspectiva que não a mera denotação dos componentes. A linguagem emocional busca na forma dos objetos sua inspiração para contar uma história, desprendendo-se do mero registo das proporções, cor, volume, texturas, etc. Esses componentes, são empregados muito mais em sua função expressiva que referencial, ou seja, o volume, a cor, a forma dos objetos não são registradas com o intuito de descrevê-los, mas sim de provocar emoção.

A função emocional da linguagem está diretamente relacionada ao capital cultural de cada indivíduo, contudo existem categorias de imagens que tendem a provocar emoções similares em um grande número de pessoas. O site especializado em distribuição de imagens Shutterstock relaciona seis categorias de imagens que “possuem maiores chances de despertar fortes emoções”, sendo elas: retrato de pessoas; bebês; animais; inspiração; nostalgia e expressões de felicidade. A categorização proposta pelo site leva em conta o assunto da imagem.

Quando nos propomos a observar as estratégias discursivas empregadas no processo de composição das imagens, encontramos a utilização do enquadramento em primeiro plano de quase todas elas.

Outra constante nas imagens expostas pelo site, está a presença de seres vivos, humanos e animais. Esta presença nos remete a uma das regras de composição proposta por Lima (1988) que diz que em uma fotografia primeiro vemos os seres vivos, depois os componentes em movimento e por último os estáticos. A presença de seres vivos em fotografias emocionais é quase uma regra, mas que pode ser quebrada. Um balanço vazio em um parque, ao fundo uma parede em ruínas, com sinais de tiros e estilhaços de explosões, pode ser bastante emotiva, apesar da ausência do elemento humano.



Figura 4 - Linguagem emocional

Fonte: Photo Mix, Istock, 2020.

A linguagem emocional se vale de metáforas para a criação de suas mensagens, apoiando-se na subjetividade do indivíduo, em um exercício de mostrar e esconder os componentes da mensagem. Para realizar essa tarefa, o fotógrafo pode se valer dos planos fechados, principalmente dos primeiros planos e *close up*, dos ângulos alto (*plongée*) e baixo (contra *plongée*), do contraste entre claro e escuro, recortando e distribuindo os componentes da cena de forma criativa. Em suma, o processo de criação da linguagem emocional na fotografia está diretamente ligado a utilização criativa das propriedades da linguagem e das regras de composição.

VAMOS PRATICAR?



A linguagem emocional busca estabelecer uma conexão íntima entre a imagem e o observador, valendo-se de seus sentimentos, emoções, intenções e pensamentos. Apoiando-se na historicidade dos corpos, destacando as partes de maior significância em cada cultura. De forma geral o rosto, principalmente a região dos olhos, facilita a construção de imagens carregadas de emotividade. As mãos também são áreas expressivas que carregam os sentimentos de cuidado, trabalho ou a passagem do tempo. Sabendo disso, vamos criar imagens criativas com elevada

carga emocional? Selecione um modelo vivo, pessoa ou pet, e aplique os conceitos de enquadramento, planos e ângulos e contraste que nos ajudam a construir fotografias com uma elevada carga emocional. Ao final, selecione uma imagem e compartilhe.

4.5 Resultados e gestão do tempo

Você sabe o que é gestão do tempo? De forma genérica podemos definir a gestão do tempo como sendo um processo de organização e priorização de tarefas de forma a obter maior produtividade.

No caso da fotografia, a gestão do tempo começa antes mesmo do clique. Inicia-se no processo de pesquisa sobre o tema a ser fotografado, definindo a linguagem a ser empregada. Uma vez que para cada tipo de mensagem existe uma linguagem que proporciona os melhores resultados. Sendo uma fonte de inspiração para a elaboração das suas fotos, nela você irá encontrar referências e pontos de apoio para criar sua própria linguagem, explorando enquadramentos que ainda não foram utilizados. A pesquisa prévia, também, lhe fornecerá os subsídios legais para realizar a fotografia. Lembre-se: nem tudo pode ser fotografado e, em qualquer lugar.

As condições técnicas, das possíveis locações, devem ser verificadas: qual o horário de funcionamento do local, as condições de acessibilidade (limpeza, sanitários, segurança etc.) e a privacidade (local oferece privacidade suficiente pra a realização do ensaio? É necessário contratar seguranças ou a colocação de anteparos?). Muitos locais não são abertos a realização de ensaios fotográficos ou exigem permissões especiais com o pagamento de taxas.

Elabore um roteiro descrevendo cada uma das imagens que você irá produzir, quanto mais detalhado for, menor a possibilidade de ter que refazer o trabalho, ou deixar de fazer uma fotografia por falta de equipamento. Para cada tomada, descreva quais os acessórios de vestuário, com especial atenção para a descrição das poses e o tipo de equipamento que será preciso (lentes, rebatedores, luzes auxiliares etc.).

Após o clique é necessário se dedicar a organização do fluxo de trabalho (*workflow*). Essa etapa, quando bem feita, economiza horas e horas no difícil trabalho de localizar imagens no seu computador. Existem diversas formas de se organizar um fluxo de trabalho, aqui apresentaremos uma, que consiste em 08 etapas. Vejamos a seguir.

- **Descarregar as imagens do cartão:** aproveite para renomear as imagens seguindo um padrão que facilite a recuperação dos arquivos. Nem sempre organizá-los por data é a melhor escolha.
- **Categorização:** padronize as pastas de acordo com o assunto ou trabalho executado. Ex.: pasta casamentos (subpasta “casamento_ana_jan20”). Dentro dessa subpasta, você pode criar os demais subníveis.
- **Importação:** após a categorização importe as imagens para o programa que você irá utilizar para gerir e tratar as suas fotos. Um dos programas mais conhecidos é o Lightroom da Adobe, contudo existem outros programas gratuitos que podem ser empregados.
- **Descarte/classificação:** dentro do programa de edição realize a tarefa de descarte das imagens ruins e proceda a classificação, marcado com 5 estrelas as melhores e 1 as com menos possibilidades de serem usadas.
- **Tratamento:** o tratamento pode ser executado por lotes ou individualmente.
- **Exportação:** as imagens precisam ser exportadas para um formato que o cliente pode utilizar. Imagens capturadas no formato RAW precisam ser transformadas em .jpg, .bmp ou .gif para serem exibidas corretamente na internet.

- **Arquivamento/metadados:** o arquivamento das imagens tratadas devem receber especial atenção, evitando-se arquivá-las no mesmo local (HD) que as imagens brutas, mas mantendo a mesma lógica de organização. Estabeleça uma rotina de inclusão dos metadados como localização, tipo de equipamento, direitos autorais, etc.
- **Exibição/entrega:** é importante que exista um padrão mínimo para a exibição de seu trabalho, as pessoas relacionam a padronização com qualidade.

De forma geral, o resultado de sua produção depende de um longo percurso de preparação, produção, tratamento e exibição. Quanto mais se pratica esse processo, mais simples ele se torna, economizando tempo e dinheiro.

VAMOS PRATICAR?



Abra o explorador de arquivos de seu computador e digite o comando <*.jpg > e observe quantas imagens você tem guardada em seu computador. Anote a quantidade total de imagens que estão gravadas no seu HD e busque identificar qual o sistema de arquivamento que foi adotado até o momento. Observe o nome das pastas e qual o tipo de imagens estão arquivadas nela. Reflita sobre a forma de organização dos arquivos adotada até o momento. Se for possível, crie e implante uma nova forma de organização das imagens. Ao final, compartilhe suas conclusões.

4.6 Aspectos legais

As questões legais que envolvem o mundo da fotografia, são inúmeras, entretanto, dois aspectos se destacam: o direito de imagem e o direito de propriedade da imagem. Como ambos os temas são regulados pela Constituição Federal Brasileira de 1988, nos ateremos a esses dois aspectos legais. No capítulo I da CF/88, que trata dos “Direitos e Deveres Individuais e Coletivos” o legislador determina em seu art. 5 o seguinte:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes. [...] X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; [...] XXII - é garantido o direito de propriedade. (BRASIL, 2016)

Pela redação deste artigo, podemos perceber a importância que o direito à imagem e a propriedade tem para o ordenamento jurídico brasileiro. O conceito de imagem abrange um conjunto de valores que extrapolam a ideia de imagem enquanto representação do indivíduo através de fotografia, pintura, escultura etc. Ele corresponde aos Direitos de Personalidade que são “[...] esses direitos que integram a própria noção de pessoa, como a vida, a honra, a integridade física, a imagem, a privacidade etc.” (SILVA, 1998, p. 6).

A imagem de uma pessoa corresponde a faculdade que ela tem de dispor e compor a sua vida privada em consonância com os valores que pratica, não cabendo aos demais o direito invadir a sua privacidade. Ou seja, as pessoas tem o direito de se vestirem e comportarem de acordo com as suas concepções de estilo respeitando,

entretanto, normas mínimas de convivência social. Não sendo permitido andar completamente despido em via pública, por exemplo. Entretanto, ninguém poderá sofrer qualquer assédio moral por andar com roupas que “não combinam” ou por usarem orelhas de coelho no metro.

VOCÊ SABIA?



Que o Brasil é um dos poucos países que têm garantido em sua constituição a proteção ao “Direito a Imagem”? A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é considerada pelas Organização das Nações Unidas (ONU), como uma das mais relevantes no que tange a garantia dos direitos fundamentais da pessoa humana. Nela encontramos a proteção de “[...] alguns direitos associados à personalidade, especialmente o direito à vida, liberdade, segurança, intimidade, vida privada, imagem, direitos autorais, incluídas as participações individuais em obras coletivas, reprodução da voz e da imagem, os dois últimos como inovações” (BERTI, 2010, [s. p.]). Em muitos países, esses direitos (reprodução da voz e da imagem) são regulados por Leis Ordinárias, não constando de suas Carta Magnas.

O direito brasileiro e internacional, reserva maior grau de proteção ao indivíduo comum, reservando a este maior grau de proteção ao uso indevido de sua imagem ou a sua exposição ao julgamento público. No tocante as pessoas públicas, essa proteção é menor devido a natureza de sua atuação social. Em um exemplo simples, temos que você não pode fotografar uma pessoa comum na rua e postar em suas redes sociais, dizendo que a ama sem a autorização prévia. Entretanto, não há grandes ressalvas em realizar-se o mesmo ato com a fotografia de um cantor famoso. A diferença reside no fato que a pessoa comum tem o direito de preservar a sua intimidade do conhecimento público, e sua demonstração de afeto, pode não ser de interesse dela. Já o artista conta com a admiração dos fãs para auferir notoriedade e remuneração.

Em linhas gerais, você não pode sair fotografando tudo e todos por aí e utilizar essas imagens em suas redes sociais ou trabalhos profissionais sem o devido consentimento das pessoas fotografadas.

CASO



Um morador de rua tem direito à privacidade? Por morar na rua, portanto em um espaço público, esse morador pode ter a sua imagem veiculada em peças publicitárias sem a sua autorização? A resposta para essas duas perguntas, tendo como base a Constituição Federal de 1988, é não. Entretanto não foi bem isso que candidatos majoritários a eleição municipal de 2004, na cidade de Lajes/RS, entenderam. Na elaboração de seu material de campanha copiaram uma fotografia, originalmente publicada em um jornal da cidade, para ilustrar uma matéria sobre o crescimento do número de pedintes na cidade, e a inseriram em seu material de campanha com uma tarja nos olhos da pessoa acompanhada dos seguintes dizeres: “Desalento”, “Desanimo”, “Desleixo”, “Desrespeito”, complementado com o mote “Você vai deixar que Lages continue assim?” (GOMES, 2008).

A ação de indenização por uso indevido de imagem, foi julgada improcedente pela justiça de primeira instância, contudo foi reformada pela 2ª Câmara de Direito Civil do Tribunal de Justiça. Na decisão o desembargador argumenta “A ideia, em si, não pode ser taxada de negativa por mostrar uma situação existente, mas as consequências, sim, distinguiram o relator. Para o desembargador, a utilização da foto, ao mostrar o autor em situação degradante e sem autorização, evidencia ofensa ao seu patrimônio anímico” (GOMES, 2008, [s. p.]). Ou seja,

não importa se a pessoa está morando na rua ou não, ou a sua condição social, todos tem direito a personalidade e a inviolabilidade de sua imagem. A imagem de uma pessoa não pode ser exposta sem a sua autorização, mesmo sob o pretexto de denunciar a sua condição.

No tocante ao direito de propriedade, o autor da imagem detém o direito de sua exploração comercial e divulgação. Pertencendo ao autor “[...] os direitos morais e patrimoniais sobre a obra que criou”; sendo seu direito “[...] o de ter seu nome, pseudônimo ou sinal convencional indicado ou anunciado, como sendo o do autor, na utilização da obra” e entre outros direitos assegurados o de reprodução, que estabelece que “ninguém pode reproduzir obra que não pertença ao domínio público, a pretexto de anotá-la, sem permissão do autor” (BRASIL, [2016]).

De forma resumida, temos que toda imagem é protegida por lei, sendo vedada a sua reprodução sem a devida autorização de seus autores. O ato de copiar da internet uma imagem e a utilizar em sua peça publicitária, site, blog ou página nas redes sociais sem dar o devido crédito e pagar os direitos de utilização é crime.

VAMOS PRATICAR?



Acesse o site do Senado Federal, leia o artigo “Considerações sobre a proteção do direito à imagem na internet”, de Chiara Spadaccini De Teffé, e reflita sobre a utilização de imagens nas redes sociais sem autorização. Destaque os principais pontos levantados pela autora e compartilhe suas conclusões. Você pode ter acesso em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/54/213/ril_v54_n213_p173.pdf.

Conclusão

Nesta unidade, foi lhe apresentado os conceitos gerais sobre o processo de leitura de imagem, sua decomposição nos componentes mínimos que a constituem – ponto, linha, forma, agrupamento, distribuição etc. Desse modo, os apontamentos contidos nesta unidade servem como baliza e ponto inicial para o aprofundamento da temática, que é muito vasta, e suscita inúmeros estudos posteriores.

Nesta unidade, você teve a oportunidade de:

- compreender as funções da linguagem artística e sua aplicação na produção de fotografias artísticas;
- conhecer sobre o processo de organização do fluxo de trabalho de um estúdio fotográfico;
- saber mais sobre o primeiro contato com os aspectos legais com relação ao direito de imagem e do autor;
- compreender a estrutura mínima de uma imagem e seu processo de composição e leitura.

Bibliografia

- ALVES, L. C. F.; LUZ, C. N. M.; BILAC, D.B.N. Gestão do tempo e produtividade: estudo de caso no setor de pessoal de empresa privada de saneamento básico. **Multidebates**, [s. l.], n. 2, p. 8-25, 2017.
- BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 fev. 2020.
- BERTI, S. M. Direitos da Personalidade. **Revista âmbito Jurídico**, out. 2010. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-constitucional/direitos-da-personalidade/>. Acesso em: fevereiro 2020.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. 3. ed. São Paulo: Martins fontes, 2015.
- GOMES, L. F. Violação do direito à imagem gera indenização. **Jusbrasil**, dez 2008. Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/77466/violacao-do-direito-a-imagem-gera-indenizacao>. Acesso em: 10 fev 2020.
- GOMES FILHO, J. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras, 2000.
- JÚNIOR, E. E. D.; SILVA, L. L. S. Ansel Adams e a magia da fotografia em preto e branco. **Intercom**, [s. l.], jun. 2017.
- LIMA, I. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço Tempo, 1988.
- PIETROFORTE, A. E. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.
- PILAR, A. D. A leitura da imagem. In: PILAR, A. D. *et al.* **Pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Universidade /UFRGS/ANAPAP, 1993. p. 77-86.
- SENA, S.; RICHARD P. S. **Conhecimento de sintaxe visual aplicado ao design de jogos digitais independentes**. Uberlândia: Desig&Tecnologia, 2016. p. 42-52.
- SILVA, E. F. **Direito à intimidade**: de acordo com a doutrina, o direito comparado e a Constituição de 1988. São Paulo: Oliveira Mendes, 1998.
- STREET Photography: Top Selection. [S. l.], 2 abr. 2017. 1 vídeo (5 min). Publicado no canal Street Level Photography. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdVeN5A60s4>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- TAVARES, A. L. M. A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea. **Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia**, [s. l.], n. 1, p. 118-129, jul. 2009.
- TEFFÉ, C. S. Considerações sobre a proteção do direito à imagem na internet. **RIL Brasília**, [s. l.], n. 54, p. 173-198, jan./mar. 2017. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/54/213/ril_v54_n213_p173.pdf. Acesso em: 23 jan. 2020.
- VASQUEZ, P. K. **A fotografia no império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.